

## UMA LEITURA CRÍTICA SOBRE A SUPOSTA “NOVA CLASSE MÉDIA BRASILEIRA”

Francisco Fernandes Ladeira <sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo desenvolve uma análise crítica sobre a “nova classe média”, termo utilizado para designar os milhões de brasileiros das classes baixas que ascenderam socialmente entre os anos de 2004 e 2014. Para algumas interpretações, a “nova classe média” simbolizou uma época em que o Brasil foi marcado pelo crescimento econômico e pela estabilidade política. Em contrapartida, para outras aferições, o que houve de fato foi o surgimento de uma “nova classe trabalhadora”, pois o aumento da renda é condição necessária, porém não suficiente, para qualificar os emergentes brasileiros como classe média. Portanto, fatores extra-econômicos são tão importantes quanto o rendimento monetário para a definição de uma determinada classe social. Sendo assim, a partir do confronto de ideias presentes nas duas linhas de pensamento em questão, busca-se apresentar algumas características econômicas e comportamentais dos integrantes da “nova classe média”.

**Palavras-chave:** nova classe média; mobilidade social; Brasil.

### ABSTRACT

This article develops a critical analysis about the "new middle class", term used to refer to the millions of Brazilians from the lower classes who rose socially in between the years 2004-2014. For some interpretations, the "new middle class" symbolized the political stability and economic growth of Brazil. On the other hand, for other interpretations, the really which occurred was the emergence of a "new working class", because the increase in income is a necessary, but not sufficient, to qualify as middle class the individuals that ascended socially. Therefore, extra-economic factors are as important as the monetary income for the definition of a social class. Focusing on the debate of ideas present in the two lines of thought in question we aim to demonstrate some economic characteristics and behavior of the members of the "new middle class".

**Keywords:** “new middle class”; social mobility; Brazil.

---

<sup>1</sup> Professor do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) – *Campus* Vitória. Articulista do Observatório da Imprensa. Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: ffernandesladeira@yahoo.com.br

## 1. INTRODUÇÃO

Um novo fenômeno sociológico tem sido bastante abordado nos mais diversos setores da sociedade brasileira. Trata-se da chamada “nova classe média”, um enorme contingente populacional composto por cerca de quarenta milhões de indivíduos que acenderam socialmente entre os anos de 2004 e 2014.

Estudos acadêmicos, das mais variadas tendências ideológicas, têm se dedicado a entender as causas e as consequências do surgimento desse novo segmento social. Por outro lado, os emergentes brasileiros estão cada vez mais presentes nos meios de comunicação de massa. Telenovelas da Rede Globo, que anteriormente apresentavam como protagonistas apenas famílias abastadas da Zona Sul do Rio de Janeiro, passaram a apresentar, como personagens principais, empregadas domésticas, futebolistas de clubes modestos, cabeleireiras e pequenos comerciantes, entre outros profissionais. Programas de TV, jornais e revistas de circulação nacional produziram inúmeras reportagens sobre a “nova classe média”. Já o mercado, em consonâncias com as mudanças sociais, direcionou inúmeras campanhas publicidade para esses novos consumidores em potencial.

Segundo algumas interpretações, a “nova classe média” simbolizou o contexto histórico brasileiro que foi marcado, sobretudo, pelo crescimento econômico e pela estabilidade política. Desse modo, os emergentes da pirâmide social seriam a prova concreta da melhoria da qualidade de vida dos cidadãos brasileiros entre a primeira década do século XXI e meados da segunda.

Em contrapartida, para outras aferições, o que a realidade nos mostrou foi uma “nova classe média” formada por brasileiros extremamente endividados que, não raro, labutavam em dois empregos, ou trabalhavam e estudavam com jornadas diárias extenuantes e exerciam ocupações altamente instáveis.

Assim, essa linha de pensamento rejeita a designação de “nova classe média” para os brasileiros que ascenderam socialmente. Desse modo, outros fatores, além da variável renda (como a capacidade de converter capital econômico em capital

cultural, por exemplo), devem ser utilizados para definir uma classe social.

Ao contrário da tradicional classe média, composta basicamente por profissionais liberais como bancários, professores universitários, gerentes e administradores; a “nova classe média” geralmente está associada a atividades manuais que exigem menor nível de escolaridade. Portanto, os milhões de brasileiros que ascenderam na pirâmide social nos últimos anos não compõem, em hipótese alguma, uma nova classe média.

## **2. ALGUMAS DEFINIÇÕES SOBRE “CLASSE MÉDIA”**

A discussão sociológica em torno da definição de “classe média” é extremamente complexa, ainda que não seja recente. Já em Marx, podemos encontrar citações a respeito dos grupos intermediários, sejam eles a pequena burguesia proprietária ou os empregados assalariados, supervisores, técnicos, etc. (SACALON; SALATA, 2012).

De acordo com a Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (2012), são classificadas como integrantes da classe média as famílias com renda per capita entre 291 e 1.019 reais. Segundo a Fundação Getúlio Vargas (2008), uma família é considerada de classe média (ou classe C) quando tem renda mensal entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591.

Em contrapartida, Ribeiro (2011) adverte que o conceito de classe média não se resume ao nível de renda, pois engloba outros critérios como formas de ver o mundo, cosmovisões, atitudes perante a vida, memórias coletivas e trajetórias pessoais. Para Uchôa e Kerstenetzky (2012), “classe média significa não exatamente um padrão de consumo, mas um estilo de vida, que envolve diferenciação/distinção: morar ‘bem’, ter uma educação ‘distintiva’, consumir serviços ‘de qualidade’, ter acesso a ‘capitais’, entre outros” (UCHÔA; KERSTENETZKY, 2012).

Seguindo essa linha de raciocínio, Souza (2010) adverte que os estudos sobre as classes sociais devem superar as abordagens tradicionais. Este autor rejeita tanto o

“liberalismo economicista”, que vincula classe exclusivamente ao rendimento monetário; quanto o pensamento marxista clássico, que associa classe à posição de um indivíduo em relação ao modo de produção vigente. Nesse sentido, aspectos econômicos e ocupacionais são condições necessárias, porém não suficientes, para definir uma classe.

A classe média, conclui Souza, é definida principalmente pela capacidade de converter capital econômico em capital cultural (fator que assegura os bons empregos no mercado e no Estado). Já a classe alta é caracterizada por possuir “acesso indisputado e legitimado a tudo aquilo que a maioria dos homens e mulheres mais desejam na vida em sociedade” (*idem*, p. 48) e as classes baixas por suas carências materiais e imateriais.

### **3. “NOVA CLASSE MÉDIA”**

Diversos trabalhos que se propuseram a abordar a “nova classe média” apontam a estabilização da economia brasileira após o Plano Real, a expansão de acesso ao crédito, o aumento do salário mínimo acima da inflação e a melhoria no padrão de consumo como fatores decisivos para o surgimento desse segmento social.

Neste contexto, segundo Neri (2012), os grupos que conquistaram o maior aumento de renda na última década foram exatamente os que anteriormente eram mais marginalizados: negros, mulheres, nordestinos e analfabetos.

Para Souza e Lamounier (2010) o que diferencia a “classe média tradicional” da “nova classe média” é o fato de a primeira já ter se estabilizado, se encontrar mais fortemente enraizada em uma posição social; enquanto a segunda é um grupo emergente e extremamente vulnerável. Entretanto, de acordo com os autores, a tendência é que a “nova classe média” absorva os valores e perspectivas da classe média estabilizada e venha a se constituir como ator político com projetos “modernizantes” para o Brasil.

Já um estudo do Instituto Data Popular (2013) apontava que 65% dos moradores das favelas brasileiras poderiam ser classificados como classe média no ano de 2013. Ou seja, a maioria dos habitantes das áreas socialmente precárias pertenciam

às camadas intermediárias da pirâmide social. Segundo os dados apresentados pelo instituto, em 2002, de cada 100 moradores de favelas, 32 estavam na classe média. Em 2013, o número subiu para 65 em cada 100. Para os pesquisadores do Data Popular, o maior acesso à educação, o emprego com carteira assinada, o empreendedorismo, a redução da pobreza extrema e as oportunidades que surgiram com a chegada das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) foram decisivos para melhorar as condições de vida dos moradores das favelas brasileiras.

Diante dessa realidade, não foi por acaso que o mercado, em consonâncias com as mudanças sociais, direcionou um grande número de campanhas publicitárias para esses novos consumidores. Nesse sentido, Meirelles (2012) frisa que os indivíduos que compõem a “nova classe média” são consumidores exigentes, que possuem seu próprio padrão de consumo, não se limitando a reproduzir as preferências das classes mais abastadas. “Esses consumidores [nova classe média] agora são vistos em lugares que pouco ou nunca frequentavam, como restaurantes, cabeleireiros, aeroportos, cinemas. E essa predominância foi sentida e recebida com receio pela elite, representada pelas classes A e B” (DATA POPULAR, 2012, p. 1).

Todavia, o aumento do padrão de consumo, apregoado tanto pela grande mídia brasileira quanto pela propaganda governamental, como a principal característica da “nova classe média” apresentou alguns “efeitos colaterais”.

Segundo o estudo *Perfil do consumidor com e sem dívidas no Brasil*, realizado em parceria entre a Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), quase metade (47%) dos consumidores brasileiros inadimplentes no ano de 2012 pertenciam à “nova classe média”. Já uma pesquisa de opinião encomendada por Souza e Lamounier (2010) demonstra que 50% dos integrantes da classe C declaravam estar endividados. Portanto, podemos concluir que o consumo da “nova classe média” esteve mais associado à facilidade de acesso ao crédito do que propriamente ao aumento do poder aquisitivo.

#### **4. “NOVA CLASSE MÉDIA” OU “NOVA CLASSE TRABALHADORA”?**

Tendo em vista esse complexo contexto sociológico, cabem aqui algumas considerações. Os brasileiros que ascenderam socialmente nos últimos anos formam, uma “nova classe média”? Ademais, quais critérios devem ser utilizados para classificar uma determinada classe social?

Conforme abordado anteriormente, é preciso salientar que, nos estudos sobre as classes sociais, outros fatores, além da variável renda, devem ser analisados. Mattos (2012) assevera que o consumo de bens e serviços antes disponíveis à apenas determinadas camadas privilegiadas da população não caracterizou a formação de uma nova classe média brasileira. Para o autor, a questão da inclusão social no Brasil está mais vinculada à uma relação de consumo do que à uma cidadania conquistada.

De acordo com Souza (2010), ao contrário da antiga classe média, para a “nova classe média” inexistente o privilégio das classes dominantes de dedicação ao estudo como atividade principal e muitas vezes única. Consequentemente, a apropriação de capital escolar e cultural vai ser inexoravelmente menor do que na “verdadeira” classe média. Salvo raras exceções, o tipo de trabalho dos membros da “nova classe média” tende a ser técnico, pragmático, e ligado a necessidades econômicas diretas. Portanto, os brasileiros em ascensão na pirâmide social não compõem uma “nova classe média”, mas “uma nova classe trabalhadora”.

Seguindo essa linha de raciocínio, Salata (2012) lembra que, na tradição sociológica, a ideia de classe média está intrinsecamente associada a uma preocupação com distinção social. Sendo assim, uma das principais características dos estratos intermediários da pirâmide social é adotar um determinado padrão de conduta que se afaste dos setores populares e, por outro lado, se aproxime dos setores dominantes. Em outros termos, ser classe média envolve ter um estilo de vida específico que pressupõe distinção em relação aos “de baixo” e identificação aos “de cima”.

De acordo com Salata, a realidade cotidiana da “nova classe média” está bastante distante da caracterização sociológica de classe média, pois seus membros não possuem o aporte de capital cultural típico desse segmento social (notadamente o acesso a recursos raros como empregos de qualidade) e tampouco um estilo de vida vinculado a uma busca por diferenciação.

Já um estudo realizado por Uchôa e Kerstenetzky (2012), sobre os indicadores sociais da “nova classe média”, indica que 9% dos pais de família desse estrato social são analfabetos, 71% das famílias não têm planos de saúde e 1,2% das casas (em torno de 400 mil domicílios) sequer possuem banheiros.

## **5. CONCLUSÃO**

O presente artigo não teve o intuito de esgotar as possibilidades de análise sobre a “nova classe média”. Por ser um fenômeno social recente, o tema em questão ainda carece de um maior número de estudos acadêmicos e do distanciamento histórico necessário para podermos chegar a uma conclusão satisfatória.

Contudo, apesar dos entraves metodológicos e conjunturais, podemos destacar algumas considerações pertinentes sobre o fenômeno social designado como “nova classe média”.

Lembrando o economista indiano Amartya Sen (2008), a ideia de desenvolvimento humano, e a própria concepção de classe social, podem ser pensados além do fator monetário. Devemos assim considerar fatores extra-econômicos como liberdade de escolha individual, moradia digna, alimentação adequada e acesso a serviços públicos de saúde e educação de qualidade para mensurar as reais condições de vida de uma pessoa.

Consequentemente, uma sociedade mais justa e equilibrada não deve se restringir a melhoria dos indicadores econômicos, mas, sobretudo, permitir que todos os seus membros possam desenvolver plenamente suas vocações e potencialidades.

Desse modo, interpretar a ascensão social de uma camada considerável da população brasileira levando-se em conta exclusivamente o aumento da renda e do consumo é apresentar uma visão demasiadamente incompleta e simplista.

Nesse sentido, conclusões controversas como apontar que mais da metade dos habitantes das favelas brasileiras pertence a classe média (quando a realidade nos mostra seres humanos vivendo em situações de intensa vulnerabilidade social) seriam evitadas se determinados pesquisadores utilizam-se metodologias menos ideologizadas e mais criteriosas.

Em suma, o termo “nova classe média” é um eufemismo para qualificar uma nova classe trabalhadora extremamente explorada, que encontrou no consumismo exacerbado, e não no completo exercício da cidadania, uma forma de legitimar sua posição social. Assim, a mera possibilidade de poder ostentar determinados bens materiais faz com que esses indivíduos aceitassem incondicionalmente a exploração ao qual são submetidos.

Já a presença do termo “nova classe média” nas mais diversas áreas atendem a objetivos bem delineados. Para os governantes é uma maneira de legitimar suas políticas sociais. Para o pensamento conservador, afirmar que a maioria da população brasileira pertence a classe média significa um pretexto para reivindicar demandas históricas da classe média como a ampliação do setor privado em detrimento do setor público e o corte de impostos para as parcelas mais abastadas da população.

Em última instância, definir como “classe média” os milhões de cidadãos brasileiros que ascenderam socialmente entre 2004 e 2014 pode ser considerado como uma das maiores falácias sociológicas do Brasil contemporâneo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DATA POPULAR. “**As favelas brasileiras, um mercado de R\$ 56 bilhões**”. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia->

brasil/noticia/2013/02/maior-parte-dos-moradores-de-favelas-no-brasil-e-da-classe-media.html>. Acesso em: 20 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **Informe Mensal**. São Paulo, ed. 1, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.datapopular.com.br/>>. Acesso em 5 out. 2018.

MATTOS, S. S. Novos tempos, novos desafios. **Revista Sociologia**, ago. 2012. Disponível em: <[http://www.boitempo.com/publicacoes\\_imprensa.php?isbn=978-85-7559-245-8&veiculo=Revista%20Sociologia](http://www.boitempo.com/publicacoes_imprensa.php?isbn=978-85-7559-245-8&veiculo=Revista%20Sociologia)>. Acesso em 11 out. 2018.

MEIRELLES, R. A classe C mudou. In: DATA POPULAR. **Informe Mensal**, São Paulo, ed. 1, abr. 2012, p. 2,3. Disponível em: <<http://www.datapopular.com.br/>>. Acesso em 5 fev. 2013.

NERI, M. **A nova classe média: o lado brilhando da base da pirâmide**. São Paulo: Saraiva, 2012.

RIBEIRO, J. C. Uma nova classe média sem religião. **Revista do Instituto Humanista Unisinos**, São Leopoldo, 20 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/44491-uma-nova-classe-media-sem-religiao-entrevista-especial-com-jorge-claudio-ribeiro>>. Acesso em 11 out. 2018.

SALATA, A. Notas sobre a tese da nova classe média brasileira. **Observatório das Metrópoles**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <[http://www.observatoriodasmetrolopes.net/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=240:nova-classe-m%C3%A9dia&Itemid=165&lang=pt#](http://www.observatoriodasmetrolopes.net/index.php?option=com_k2&view=item&id=240:nova-classe-m%C3%A9dia&Itemid=165&lang=pt#)>. Acesso em 18 out. 2018.

SCALON, C.; SALATA, A. Uma nova classe média no Brasil: o debate a partir da perspectiva sociológica. **Sociedade e Estado**. Brasília, v.27, n.2, p. 307- 407, ago. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922012000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922012000200009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 14 out. 2018.

SECRETARIA DE ASSUNTOS ESTRATÉGICOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Comissão para definição da classe média no Brasil**. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.sae.gov.br/site/?p=13425>> Acesso em: 13 out. 2018.

SOUZA, A.; LAMOUNIER, B. **A Classe Média Brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade**. Rio de Janeiro: Elsevier. 2010.

SOUZA, J. (Org.) **Os Batalhadores Brasileiros – Nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SEN, A. **Desigualdade Reexaminada**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.



UCHÔA, C.; KERSTENETZKY, C. L. **É a 'nova classe média' classe média?** O que diz a Pesquisa de Orçamentos Familiares (2008 - 2009). Rio de Janeiro, 2012 (Texto para Discussão 066- CEDE/UFF).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES LOJISTAS. **Perfil do consumidor com ou sem dívidas no Brasil.** Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <[http://www.cndl.org.br/mostra\\_capa.php?id=470](http://www.cndl.org.br/mostra_capa.php?id=470)> . Acesso em: 12 out. 2018.